

CAPÍTULO 6

ICONICIDADE E ARBITRARIEDADE NA LIBRAS: MOTIVAÇÃO, CONVENCIONALIDADE E ESTRUTURA LINGUÍSTICA



<https://doi.org/10.68044/4zs8x326>

Fernanda Albuquerque da Silva¹

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (UFAC) e Assistente Escolar da Prefeitura Municipal de Rio Branco. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFAC).



RESUMO: Este artigo discute as relações entre iconicidade e arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais (Libras), focalizando os conceitos de motivação, convencionalidade e estrutura linguística. A pesquisa é bibliográfica e qualitativa, fundamentada em estudos sobre signo linguístico, iconicidade, criação lexical, classificadores, descrições imagéticas, fonologia e organização sintática da Libras. Analisa-se como a modalidade visual-espacial favorece relações perceptíveis entre forma e significado sem eliminar o caráter convencional e sistêmico dos sinais. Os estudos examinados indicam que iconicidade não equivale a motivação, assim como arbitrariedade não corresponde necessariamente a motivação. Evidenciam também que parâmetros fonológicos, experiência corporal, recursos espaciais e práticas socioculturais participam da formação e da estabilização lexical. Conclui-se que iconicidade e arbitrariedade podem coexistir na Libras, em diferentes graus e níveis estruturais, e que sua análise integrada contribui para compreender a complexidade gramatical, cognitiva e social desta língua natural. Essa perspectiva evita reduções gestuais e reafirma sua autonomia como sistema linguístico.

Palavras-chave: Libras; Iconicidade; Arbitrariedade; Motivação linguística.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), como língua de modalidade visual-espacial, mobiliza simultaneamente recursos manuais, corporais, espaciais e não manuais na constituição de unidades dotadas de forma e significado. A especificidade de sua modalidade torna especialmente visível um problema clássico da teoria linguística: a relação entre arbitrariedade do signo e iconicidade. Em determinados sinais, o observador identifica traços que parecem guardar semelhança com objetos, ações, formas, movimentos ou relações espaciais; em outros, essa relação não é imediatamente recuperável. O contraste, entretanto, não autoriza uma divisão simples entre uma parcela “linguística”, por ser arbitrária, e outra supostamente “mimética”, por ser icônica. A literatura examinada demonstra que a Libras articula convenção, estrutura gramatical, experiência corporal e possibilidades representacionais da modalidade visual-espacial, exigindo uma análise que considere a coexistência desses fatores em diferentes níveis da língua.

A história dos estudos das línguas de sinais ajuda a compreender por que a iconicidade adquiriu relevância teórica. Luchi (2015, p. 51) recorda que, após a consolidação das investigações linguísticas sobre línguas sinalizadas, a Libras passou a ser descrita em níveis semântico, pragmático, fonológico, fonético, sintático e morfológico. Esse percurso deslocou a discussão de uma simples

comparação com línguas orais para a investigação das propriedades que emergem da própria modalidade visual-espacial. No mesmo sentido, Carneiro (2016b, p. 118-119) observa que pesquisas contemporâneas procuram salientar especificidades das línguas de sinais, em vez de descrevê-las exclusivamente a partir de categorias elaboradas para línguas faladas. Tal deslocamento é decisivo para o tema deste artigo, pois a iconicidade deixa de ser tratada como indício de ausência de estrutura e passa a ser examinada como fenômeno linguisticamente organizado.

O princípio da arbitrariedade, por sua vez, continua fundamental para compreender o funcionamento sistêmico do signo. Correia e de Paula (2024, p. 13) retomam a tradição saussuriana e destacam que a relação entre significado e significante não depende de um laço natural com o objeto. Aplicada às línguas de sinais, essa formulação obriga a distinguir semelhança perceptível, motivação de uma forma e convencionalização social. Um sinal pode preservar propriedades imagéticas do referente e, ainda assim, depender de convenções compartilhadas pela comunidade linguística. A comparação entre sinais de línguas distintas e a existência de variação dentro de uma mesma língua reforçam esse ponto: a iconicidade pode orientar possibilidades de representação, mas não determina de modo único a forma lexical. Correia e de Paula (2024, p. 21-22) sintetizam

essa questão ao registrar que a iconicidade motiva, porém não determina a forma do signo.

O problema central deste artigo consiste, portanto, em compreender de que maneira iconicidade e arbitrariedade se relacionam na Libras quando se consideram três eixos complementares: motivação, convencionalidade e estrutura linguística. Pergunta-se como a motivação pode explicar escolhas formais sem transformar o signo em reprodução direta do mundo; como a convencionalidade participa da estabilização de sinais visualmente motivados; e como a iconicidade se manifesta não apenas no léxico, mas também em configurações fonológicas, construções classificadoras, descrições imagéticas e relações sintático-conceptuais. A hipótese de trabalho é que iconicidade e arbitrariedade não precisam ser interpretadas como propriedades mutuamente excludentes. Ao contrário, a Libras fornece evidências de que a motivação imagética pode ser estruturada por categorias linguísticas e submetida à convencionalização social.

O objetivo geral é discutir as relações entre iconicidade e arbitrariedade na Libras, destacando o papel da motivação, da convencionalidade e da estrutura linguística. Como objetivos específicos, busca-se: problematizar a oposição tradicional entre signos icônicos e arbitrários; examinar diferentes tipos de motivação identificados em estudos sobre o léxico da Libras; analisar a

contribuição da experiência corporal, dos classificadores e das descrições imagéticas para a produção de sentido; e relacionar a iconicidade aos parâmetros fonológicos, à criação de sinais-termo e à organização de sentenças. O percurso teórico privilegia trabalhos brasileiros disponibilizados pela Revista da ABRALIN, Revista Leitura, Revista Sinalizar, Revista SCIAS Língua de Sinais, Revista Arqueiro, Revista Espaço, PERcursos Linguísticos, Línguas & Letras e Audiology: Communication Research.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter analítico-interpretativo. O corpus teórico foi constituído pelos textos fornecidos para esta produção, selecionados por sua relação direta ou complementar com iconicidade, arbitrariedade, motivação lexical, classificadores, descrições imagéticas, fonologia, criação terminológica e sintaxe da Libras. As citações diretas foram conferidas nos documentos e mantêm a paginação informada pelos próprios artigos ou por sua numeração interna. A análise não pretende produzir uma taxonomia definitiva, mas articular resultados de investigações que operam com perspectivas diferentes. Essa opção é coerente com a própria complexidade do objeto: o tema atravessa a linguística estrutural, a linguística cognitiva, a semiótica, a fonologia e os estudos lexicais, e não pode ser reduzido a uma única definição de iconicidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Arbitrariedade do signo e sua releitura nas línguas de sinais

A noção de arbitrariedade ocupa posição central na tradição estruturalista porque permite compreender a língua como sistema de relações convencionais. Em sua retomada da teoria saussuriana, Correia e de Paula (2024, p. 13-15) salientam que a arbitrariedade não significa escolha individual livre do falante. O signo integra um fato social, e seu funcionamento depende do coletivo. Assim, a ausência de laço natural entre forma e significado não torna a língua aleatória; ao contrário, sua estabilidade decorre do uso social e das relações internas do sistema. Essa precisão é especialmente importante nas línguas de sinais, nas quais a semelhança perceptível entre certas formas e aspectos do referente pode levar à impressão de que o signo se explica por uma relação direta com o mundo.

Correia e de Paula (2024, p. 17-18) mostram que a discussão saussuriana sobre itens relativamente motivados e sobre onomatopeias não autoriza abandonar a arbitrariedade. Mesmo quando uma forma apresenta algum grau de motivação, ela é submetida ao sistema e à história da língua. Em uma citação de citação, Saussure (2012 [1916], p. 109 *apud* Correia; de Paula, 2024, p. 17) é mobilizado para indicar que formas inicialmente mais motivadas podem, pela ação do tempo e por alterações fonológicas ou morfológicas, perder parte de seu caráter primeiro e assumir características gerais do signo linguístico. Para a

Libras, o ponto é produtivo porque permite pensar processos de lexicalização e convencionalização sem pressupor que a origem imagética de um sinal determine indefinidamente sua interpretação.

A modalidade visual-espacial torna a discussão mais complexa, pois amplia as possibilidades de estabelecer correspondências entre propriedades perceptíveis e recursos articulatórios. Todavia, maior potencial de correspondência não equivale a transparência universal. Correia e de Paula (2024, p. 21-22) destacam que sinais considerados icônicos variam entre línguas e também dentro de uma mesma comunidade. Se a forma fosse consequência necessária do referente, seria esperado que comunidades distintas escolhessem representações idênticas ou, ao menos, que um observador externo deduzisse o significado sem conhecer a língua. Os estudos discutidos pelos autores indicam justamente o contrário: a interpretação depende do sistema compartilhado, da experiência cultural e do recorte visual selecionado.

Pereira e Limberti (2020, p. 154-155) situam a mesma problemática no interior de uma investigação semiótica e ressaltam que, na Libras, as pesquisas sobre iconicidade têm recebido maior atenção do que as dedicadas à arbitrariedade. Para as autoras, o desafio é evitar o isolamento dos dois fenômenos. Sua análise de verbos não direcionais mostra que sinais classificados como arbitrários podem apresentar parâmetros capazes de estabelecer correlações com a

iconicidade, especialmente ponto de articulação e expressões não manuais. Desse modo, a relação não se reduz à pergunta binária “é icônico ou é arbitrário?”, mas exige investigar em quais dimensões um sinal é motivado, convencionalizado e estruturalmente composto.

Essa perspectiva desloca o debate de uma classificação rígida para uma análise relacional. Em formulação sintética, Pereira e Limberti afirmam que “iconicidade e arbitrariedade não são tomadas como fenômenos isolados ou estanques” (2020, p. 161). A afirmação é relevante porque permite reconhecer que a iconicidade pode aparecer de forma remota, parcial ou abstrata em sinais cujo conjunto é convencional. A convencionalidade não apaga a motivação; ela organiza e estabiliza as escolhas que a comunidade incorpora ao sistema. A iconicidade, por sua vez, não suspende a arbitrariedade, pois a existência de uma semelhança percebida não estabelece um vínculo natural e universal entre a forma e o significado.

A variação constitui evidência adicional dessa articulação. Correia e de Paula (2024, p. 21) citam exemplos em que diferentes formas icônicas coexistem para um mesmo referente, cada uma destacando determinada propriedade. Nesses casos, a iconicidade explica parte da relação entre forma e conceito, mas não explica por que uma comunidade escolhe ou prefere uma variante em certo contexto. A dimensão social e sistêmica continua operando. Essa observação ajuda a impedir uma leitura determinista da iconicidade e

abre espaço para a noção de convencionalidade, entendida como processo pelo qual uma forma, ainda que motivada, adquire reconhecimento e estabilidade entre usuários.

É nesse ponto que a distinção proposta por Medeiros e Rodero-Takahira se torna particularmente fecunda. Os autores sustentam que signos motivados não deixam de ser convencionais e arbitrários, pois a motivação não cria, por si só, uma relação natural entre significante e significado. A definição permite analisar em conjunto sinais transparentes, sinais parcialmente motivados, empréstimos, classificadores e formas mais opacas. Em lugar de uma linha divisória absoluta, tem-se um campo de gradações, no qual diferentes mecanismos participam da construção do signo e da sua interpretação.

Iconicidade, motivação e convencionalidade

A iconicidade pode ser definida, no âmbito deste estudo, como a possibilidade de estabelecer correspondências entre propriedades da forma linguística e aspectos do conteúdo, do referente ou da estrutura conceptual. Nas línguas de sinais, essa correspondência é frequentemente visual, espacial ou motora. Entretanto, Medeiros e Rodero-Takahira (2021, p. 6-7) alertam que iconicidade e motivação não são sinônimos. Motivação responde à existência de um motivo identificável para determinada forma; iconicidade é um tipo particular de relação em que a motivação envolve similaridade ou

correspondência imagética. Assim, toda iconicidade implica algum tipo de motivação, mas nem toda motivação é icônica. Essa diferença é indispensável para interpretar dados de empréstimo linguístico, inicialização, datilologia e outros processos em que a origem de um elemento é explicável sem produzir semelhança visual com o conceito.

Argumentamos que não há uma correspondência direta e biunívoca entre os conceitos de arbitrariedade e de imotivação e assim consideramos que todos os signos linguísticos motivados, incluindo os sinais da Libras aqui analisados, são igualmente convencionais e arbitrários. Ainda assim, investigamos nesta pesquisa uma questão ainda inexplorada: se os conceitos de iconicidade e de motivação são indissociáveis ou não. Nesse aspecto, nossa pesquisa demonstrou que iconicidade e motivação não devem ser vistas como equivalentes. Embora tais conceitos estejam relacionados, uma vez que há motivações que atribuem o status de icônico aos signos linguísticos, há motivações não icônicas (por exemplo, aquelas por ELP). Portanto, todos os sinais icônicos são motivados, mas nem todos os sinais motivados são icônicos. E todos os sinais, independentemente de serem motivados ou não, de serem icônicos ou não, são arbitrários porque são convencionalmente estabelecidos pela comunidade de fala e não apresentam uma relação natural entre significante e significado. (Medeiros; Rodero-Takahira, 2021, p. 26).

A passagem explicita o núcleo conceitual que orienta a análise: a arbitrariedade não exige ausência completa de motivação. A convencionalidade funciona como mediação entre escolhas imagéticas e sistema linguístico. Isso explica por que dois sinais podem recorrer

a propriedades visualmente reconhecíveis e ainda assim apresentar diferenças formais entre comunidades. Medeiros e Rodero-Takahira (2021, p. 6-7) lembram que o sinal correspondente ao conceito de árvore, em línguas de sinais distintas, pode selecionar partes diferentes do referente. A iconicidade, portanto, depende de recortes e esquematizações. O sinal não é uma cópia do objeto; é uma construção linguística que seleciona aspectos considerados pertinentes e os codifica nos recursos disponíveis pela língua.

Os dados quantitativos de Medeiros e Rodero-Takahira (2021, p. 24-27) reforçam essa interpretação. No corpus analisado, formado por sinais associados à letra A em um dicionário de Libras, 90,84% apresentaram algum tipo de motivação. Além disso, 88,31% dos sinais motivados possuíam mais de um tipo de motivação. Os autores identificaram seis grupos: classificadores, gestualidade, espacialidade, empréstimo linguístico do português, expressões não manuais e movimento. A motivação por classificadores foi a mais recorrente e mostrou caráter sistematicamente icônico no conjunto analisado. Esses números são importantes porque demonstram que a motivação é produtiva e multifatorial, mas não autorizam concluir que a Libras deixe de ser arbitrária.

A proposta de continuum desenvolvida pelos mesmos autores procura justamente escapar de uma tipologia binária. Em vez de dividir o léxico em duas classes estanques, a gradação considera que

determinadas motivações conferem iconicidade de modo mais constante, enquanto outras apenas eventualmente produzem esse efeito. Classificadores ocupam uma posição de forte iconicidade; movimentos simuladores e certas relações espaciais também estabelecem correspondências perceptíveis; já empréstimos da língua portuguesa podem motivar a forma sem torná-la icônica. O continuum é teoricamente produtivo porque permite comparar graus e tipos de motivação sem supor que todos os itens icônicos se comportem da mesma forma (Medeiros; Rodero-Takahira, 2021, p. 25-27).

A convencionalidade aparece ainda no processo de estabilização das escolhas. Carneiro (2016a, p. 114-117), ao analisar novos sinais criados por uma comunidade surda, identificou o papel de características físicas, símbolos e logotipos na formação lexical. As propriedades percebidas não são transportadas integralmente para o sinal. A comunidade seleciona elementos, combina parâmetros e estabiliza uma forma que passa a circular socialmente. Esse processo evidencia que a motivação é construída no interior de práticas culturais: o que conta como característica saliente depende da experiência partilhada, dos usos locais e do conhecimento coletivo.

A transparência, nesse contexto, deve ser usada com cautela. Um sinal pode parecer transparente para um usuário que conhece sua história, seu contexto cultural e as convenções de uma comunidade, mas ser opaco para um não sinalizante. Correia e de Paula (2024, p.

22) enfatizam que iconicidade não implica transparência e recuperam estudos em que ouvintes sem conhecimento da língua de sinais tiveram dificuldade para inferir o significado de sinais considerados icônicos. O fato confirma que a semelhança não é automaticamente acessível. Ela é percebida a partir de categorias e conhecimentos que o sistema linguístico e a experiência cultural ajudam a construir.

Experiência corporal, classificadores e descrições imagéticas

A experiência corporal constitui um dos eixos mais produtivos para compreender a motivação nas línguas de sinais. Carneiro (2016a, p. 106-108) discute a concepção como processo que envolve experiências motoras, sensoriais, emocionais, sociais e culturais. Nesse quadro, esquemas de imagem são abstraídos das interações corporais e ajudam a organizar conceitos mais complexos. A modalidade visual-espacial oferece condições para que parte dessas relações seja preservada na forma linguística. Isso não significa que todos os conceitos sejam diretamente desenhados no espaço, mas que mãos, braços, corpo, movimento e localização podem codificar recortes da experiência de modo especialmente produtivo.

Eles não representam (de maneira direta) os referentes, mas a concepção que a comunidade de fala constrói sobre tal realidade. A emergência de esquemas de imagem visuais, que motivou a preservação de propriedades dos referentes, provém de experiências socialmente partilhadas pela comunidade e atesta o

caráter convencional desses sinais. Ou seja, as atividades imaginativas apoiam-se na experiência corporal, dependente da cultura. Mais uma vez, o input visual parece ter papel importante nesse processo (Carneiro, 2016a, p. 117).

O estudo dos classificadores amplia essa perspectiva. Carneiro (2016b, p. 118) descreve os predicados classificadores como construções em que o sinalizante mobiliza o corpo para uma codificação relativamente transparente das entidades e ações concebidas. Ao analisar ações como correr, remar, lançar e colocar, o autor identifica uma “mimese corporal elaborada” (Carneiro, 2016b, p. 118), formulação que é importante por conter os dois lados do fenômeno: há mimese, mas ela é elaborada. A presença de elementos lexicalizados e de regras de organização impede que essas estruturas sejam confundidas com gesticulação livre.

Na análise de Carneiro (2016b, p. 124-125), configurações de mão, posições corporais e deslocamentos podem criar imagens icônicas do referente conceptualizado. A mão pode representar uma entidade, uma parte do corpo ou a manipulação de um objeto; o espaço de sinalização pode mapear posições e trajetórias; o corpo do sinalizante pode representar o corpo de outra entidade. Tais possibilidades se relacionam à experiência de perceber formas, movimentos e relações espaciais. Entretanto, a seleção dos recursos

depende das convenções da língua e do contexto discursivo. Por isso, a iconicidade dos classificadores é sistemática, mas não ilimitada.

Em uma citação de citação, Leite (2008, p. 40 *apud* Carneiro, 2016a, p. 110) caracteriza o potencial de representação icônica das línguas de sinais como “incrível potencial de representação icônica”. O excerto, lido no contexto da discussão de Carneiro, sugere que a modalidade permite transmitir de modo simultâneo informações que, em outras modalidades, podem exigir estratégias diferentes. A afirmação não deve ser convertida em ideia de que morfologia ou sintaxe seriam dispensáveis; o próprio conjunto dos estudos aqui analisados mostra que iconicidade e gramática são integradas. O que se evidencia é a existência de recursos articulatórios cuja espacialidade permite condensar relações formais e conceptuais.

As descrições imagéticas discutidas por Luchi (2015, p. 50-51) oferecem outra entrada para o fenômeno. O autor apresenta o termo como alternativa a usos tradicionais de “classificadores” e relaciona essas construções às Estruturas Altamente Icônicas. A proposta distingue o léxico padrão, os apontamentos manuais e produções em que a intenção representacional é mais evidente. A relevância dessa abordagem para o presente artigo está em mostrar que a iconicidade não se restringe à forma isolada de um item lexical. Ela pode organizar sequências complexas em que tamanho, forma, localização,

movimento e incorporação corporal participam da descrição de uma cena.

Com base em Campello, Luchi (2015, p. 51) apresenta cinco tipos de transferência: Transferência de Tamanho e de Forma (TTF), Transferência Espacial (TE), Transferência de Localização (TL), Transferência de Movimento (TM) e Transferência de Incorporação (TI). Essas categorias ajudam a visualizar dimensões distintas da iconicidade. Em uma TTF, por exemplo, os articuladores podem representar tamanho e contorno; em uma TM, o movimento sinalizado pode guardar correspondência com a dinâmica do referente; na incorporação, o corpo do sinalizante participa da representação. A diversidade das transferências demonstra que a iconicidade é multidimensional e pode envolver simultaneamente diferentes parâmetros.

Luchi (2015, p. 63) alerta para o risco de analisar línguas de sinais exclusivamente a partir de bases construídas para línguas orais, porque isso pode apagar a visualidade. Essa advertência não implica separar completamente as modalidades nem negar propriedades gerais da linguagem. Seu valor está em exigir categorias sensíveis aos recursos efetivamente mobilizados pela Libras. A arbitrariedade continua relevante, mas não deve funcionar como filtro que elimina evidências de motivação corporal e espacial. O estudo das descrições

imagéticas mostra justamente que a visualidade pode ser gramaticalmente organizada e socialmente compartilhada.

Criação lexical, sinais-termo e construção analógica da iconicidade

Os processos de criação lexical tornam visível a passagem entre experiência, motivação e convencionalização. Xavier e Santos (2016, p. 60-65) analisam a criação de termos técnicos em Libras a partir de um modelo que distingue seleção imagética, esquematização e codificação. A seleção envolve escolher uma imagem mental associada ao conceito; a esquematização reduz a riqueza dessa imagem a relações estruturais pertinentes; e a codificação seleciona recursos linguísticos capazes de materializar o esquema. O interesse do modelo está em mostrar que a iconicidade não é um espelhamento direto. Entre conceito e sinal há operações cognitivas e linguísticas de seleção e redução.

No modelo de Taub, a criação de itens icônicos envolve três estágios: a seleção imagética, a esquematização e a codificação. O primeiro estágio consiste na seleção de uma imagem mental para o conceito que se quer representar linguisticamente. Essa seleção parece ser guiada pela modalidade da língua, dado que, a despeito da multimodalidade das imagens associadas a um determinado conceito, línguas de sinais elegem imagens visuais, espaciais ou motoras, ao passo que línguas orais elegem imagens sonoras. Concretamente, apesar de haver imagens de diferentes naturezas associadas, por exemplo, ao conceito “árvore” (olfativas, táteis,

auditivas – para ouvintes –, cinestésicas e visuais), observa-se que línguas de sinais diferentes tendem a escolher imagens visuais para representá-los (Xavier; Santos, 2016, p. 64-65).

O trecho explicita o papel da modalidade naquilo que pode ser selecionado como base imagética. Todavia, Xavier e Santos (2016, p. 65-69) mostram que a imagem escolhida não é reproduzida integralmente. Detalhes como cor, textura e inúmeras propriedades do referente precisam ser filtrados; somente algumas relações são preservadas. A codificação ainda precisa respeitar categorias articulatórias da língua. Desse modo, a criação de um sinal icônico combina disponibilidade perceptual e restrição linguística. A motivação explica por que certos traços foram escolhidos; a convencionalidade explica por que uma dessas soluções passa a funcionar como forma compartilhada.

A análise empírica de Xavier e Santos (2016, p. 81-89) sobre termos relacionados a mosquito e vírus reforça essa interpretação. As imagens técnicas apresentadas aos participantes influenciaram a seleção e a esquematização, enquanto fatores articulatórios e perceptuais participaram da codificação. Os autores observam, inclusive, que o modelo precisa ser refinado para contemplar tais fatores. O resultado é importante para a discussão da arbitrariedade: mesmo quando há uma motivação imagética identificável, a forma final é condicionada por possibilidades de articulação, percepção e

estrutura. A iconicidade orienta a construção, mas não elimina escolhas convencionais.

No campo terminológico, Prometi e Costa (2018, p. 138-139) enfatizam que sinais-termo são constituídos pela combinação de parâmetros fonológicos. Configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais integram a estrutura da Libras e podem carregar informações relevantes na formação de novas unidades. A criação terminológica, portanto, não consiste em inventar gestos espontâneos para conceitos especializados. Ela demanda conhecimento conceitual e respeito às possibilidades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas da língua. Essa exigência reforça a dimensão estrutural da convencionalidade.

O trabalho de Costa (2023, p. 3, 7-10) fornece um exemplo fonológico dessa dinâmica ao discutir configurações de mão que surgiram para atender demandas icônico-lexicais. O autor observa que determinadas configurações foram associadas a itens específicos e que o inventário de configurações da Libras não é um código universal. Mesmo quando uma configuração parece reproduzir uma característica do referente, ela pertence a um sistema particular e pode variar entre línguas. Costa (2023, p. 10) ressalta ainda que a ausência de associação visual evidente não significa ausência de motivação, distinção compatível com a proposta de Medeiros e Rodero-Takahira.

Estrutura linguística da Libras: fonologia, sintaxe e gradações de iconicidade

A discussão da estrutura linguística é fundamental para impedir que a iconicidade seja interpretada como fenômeno puramente lexical. A Libras organiza sinais por parâmetros que funcionam de modo sistemático e contrastivo. Prometi e Costa (2018, p. 138-139) enumeram configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais como componentes relevantes na fonologia da LSB. Esses parâmetros podem participar tanto de sinais altamente motivados quanto de formas mais opacas. A iconicidade, portanto, utiliza unidades e combinações disponíveis na gramática; ela não opera fora do sistema.

Costa (2023, p. 3-8) concentra-se especialmente nas configurações de mão e mostra que seu inventário é historicamente documentado e sujeito a ampliação e recatologação. A existência de novas configurações associadas a demandas icônico-lexicais é relevante porque evidencia uma interação entre estrutura e motivação. O sistema oferece padrões, mas também pode incorporar formas novas. Para se tornar unidade efetiva, entretanto, uma configuração precisa integrar combinações com os demais parâmetros e participar de sinais reconhecíveis pela comunidade. A inovação não elimina a estrutura; ela a expande.

A aquisição fornece evidências adicionais da organização fonológica. Guimarães e Campello (2018, p. 1-2) analisaram processos fonológicos na produção de crianças surdas e identificaram assimilação, substituição, epêntese, elisão e metátese, com maior incidência sobre configuração de mão. A ocorrência desses processos mostra que a produção dos sinais pode ser descrita por regularidades fonológicas e por modificações de parâmetros, da mesma maneira que uma língua natural apresenta padrões de aquisição e reorganização de suas unidades. Essa evidência é importante para o tema da iconicidade porque demonstra que a semelhança visual de um sinal não dispensa o domínio de sua forma linguística.

A iconicidade também ultrapassa a palavra e pode alcançar relações sintáticas e conceptuais. Jeremias (2018, p. 39-40) propõe analisar sentenças transitivas da Libras a partir da iconicidade diagramática. A hipótese é que a proximidade formal entre os argumentos e o verbo pode refletir proximidade conceptual e maior grau de afetação. Nesse quadro, a motivação não está na semelhança entre uma mão e um objeto, mas na correspondência entre organização estrutural e organização conceptual. Essa ampliação é teórica e metodologicamente relevante: demonstra que iconicidade pode ser propriedade de relações entre unidades, e não apenas de unidades isoladas.

A distância conceptual vai indicar uma relação de distância entre polos do espaço conceptual. Em outras palavras, quanto mais próximos os argumentos estiverem do verbo, mas [sic] próximos os polos semânticos e fonológico estarão no espaço conceptual, portanto, mais icônicos. Do contrário, quanto mais distantes no nível formal mais distantes estarão os polos no espaço conceptual, logo, mais arbitrário, no ponto de vista da transitividade. As sentenças transitivas da libras são icônicas quando pressupõem uma aproximação. Contudo, conforme vimos nos últimos exemplos, a depender da forma como itens estão organizados na sentença ou da intenção implícita dos interlocutores, os argumentos podem estar mais distantes do verbo ocasionando uma arbitrariedade. (Jeremias, 2018, p. 56).

Na perspectiva cognitiva apresentada por Jeremias (2018, p. 47-49), unidades linguísticas podem ser compreendidas como pareamentos entre estruturas fonológicas e semânticas dentro de uma estrutura simbólica. A iconicidade decorre, então, de diferentes graus de proximidade entre esses polos. A formulação é compatível com a observação de que sinais visualmente motivados continuam a depender de categorias fonológicas. Mesmo quando um movimento representa uma trajetória, ele precisa ser realizado segundo possibilidades articatórias e combinatórias da língua. O gesto só funciona linguisticamente porque integra uma estrutura reconhecida pelos usuários.

O conjunto dos trabalhos permite propor três níveis de análise integrados. No primeiro, a iconicidade lexical diz respeito à seleção de

características perceptíveis e à sua codificação em sinais. No segundo, a iconicidade construcional envolve classificadores, descrições imagéticas e arranjos espaciais que representam relações entre entidades e eventos. No terceiro, a iconicidade diagramática ou conceptual envolve correspondências entre organização formal e organização semântica. Em todos os níveis, a arbitrariedade permanece pertinente porque as formas não são determinadas naturalmente pelos referentes; a convencionalidade, por sua vez, assegura que as soluções selecionadas sejam reconhecidas dentro da comunidade linguística.

Por fim, a estrutura linguística mostra que a visualidade não é exterior à língua, mas uma das condições que configuram suas possibilidades expressivas. Configurações de mão, movimento, localização, orientação, expressões não manuais e uso do espaço formam recursos cuja combinação é convencionalmente regulada. É nesse interior estruturado que a iconicidade se realiza. Quando a análise respeita essa integração, torna-se possível reconhecer a força da motivação visual sem retornar a concepções que reduzam a Libras a mímica ou representação pictórica. A iconicidade deixa de ser argumento contra o caráter linguístico e passa a ser fenômeno que ajuda a explicar como uma língua visual-espacial organiza forma, sentido e experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida demonstrou que a relação entre iconicidade e arbitrariedade na Libras não pode ser adequadamente descrita por uma oposição simples. Os trabalhos examinados convergem na necessidade de distinguir, ao menos, quatro dimensões: arbitrariedade, iconicidade, motivação e convencionalidade. A arbitrariedade refere-se à inexistência de determinação natural e necessária da forma pelo significado; a iconicidade diz respeito a correspondências percebidas entre forma e conteúdo, referente ou estrutura conceptual; a motivação abrange os fatores que tornam uma escolha formal explicável; e a convencionalidade diz respeito ao reconhecimento social e sistêmico dessa escolha. Quando essas dimensões são separadas analiticamente, deixa de haver contradição em afirmar que um sinal pode ser icônico, motivado, convencional e arbitrário ao mesmo tempo.

Os estudos lexicais oferecem evidências particularmente claras. Medeiros e Roderio-Takahira mostraram que grande parte dos sinais de seu corpus apresentava algum tipo de motivação e que a ocorrência de múltiplas motivações era frequente. Esse resultado enfraquece a equivalência entre arbitrariedade e imotivação. Ao mesmo tempo, a comparação entre línguas, a variação interna e a dificuldade de não sinalizantes em reconhecer sinais supostamente transparentes demonstram que a iconicidade não estabelece uma

relação natural e universal. A forma é sempre um recorte: a comunidade seleciona determinada propriedade, esquematiza-a, combina recursos articulatórios e estabiliza uma solução entre várias possíveis.

A experiência corporal e o input visual assumem papel central nesse processo. Carneiro demonstra que novos sinais podem preservar propriedades de referentes, logotipos, formas, posições e ações, mas tais propriedades são filtradas por experiências socialmente compartilhadas. Os classificadores e as descrições imagéticas tornam essa relação ainda mais explícita, pois exploram mãos, corpo e espaço para representar entidades, trajetórias, tamanhos, localizações e incorporações. Entretanto, a expressividade imagética dessas construções não elimina a presença de elementos lexicalizados e de regularidades gramaticais. A visualidade é estruturada, não espontânea.

No plano fonológico, os trabalhos de Costa e de Guimarães e Campello contribuem para afastar qualquer associação entre iconicidade e falta de organização. Configurações de mão podem surgir ou ser selecionadas por demandas icônico-lexicais, mas integram inventários e combinam-se com outros parâmetros. Os processos observados durante a aquisição infantil revelam, ainda, substituições, assimilações, epênteses, elisões e metáteses, confirmando que a forma sinalizada possui organização passível de

descrição fonológica. O fato de um sinal guardar semelhança com algum aspecto do referente não elimina a necessidade de aprender sua configuração linguística.

Conclui-se, portanto, que a Libras oferece um campo particularmente produtivo para repensar categorias clássicas da linguística. Sua modalidade visual-espacial torna perceptíveis relações de motivação que, em outras modalidades, podem apresentar materializações distintas. A análise dessas relações, contudo, só é linguisticamente adequada quando inclui convencionalidade e estrutura. Iconicidade não significa transparência absoluta; arbitrariedade não significa ausência total de motivação; e motivação não dispensa convenção. Essa tríade permite compreender como a Libras transforma experiências visuais, corporais e espaciais em formas socialmente partilhadas, gramaticalmente organizadas e historicamente passíveis de mudança.

Como desdobramento, futuras investigações podem aprofundar a comparação entre diferentes regiões, gerações e domínios terminológicos da Libras, verificando como motivações inicialmente reconhecíveis são preservadas, reanalisadas ou opacificadas ao longo do uso. Também são pertinentes estudos que integrem dados lexicais, fonológicos, sintáticos e discursivos, evitando tratar a iconicidade como propriedade exclusiva do vocabulário. A principal contribuição deste artigo reside em sustentar

que a compreensão da Libras exige observar conjuntamente aquilo que sua modalidade torna visualmente motivável e aquilo que seu funcionamento social torna convencional. É nessa articulação que se manifesta a complexidade de sua estrutura linguística.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da Libras: aspectos icônicos. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 104-119, 2016a. DOI: 10.28998/2317-9945.201657.104-119. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/2840>. Acesso em: 9 set. 2026.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Corpo e classificadores nas línguas de sinais. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 118-129, jul./dez. 2016b. DOI: 10.5216/rs.v1i2.36863. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36863>. Acesso em: 9 set. 2026.

CORREIA, Tiberio Teylon dos Santos; DE PAULA, Aldir Santos. A arbitrariedade do signo nas línguas de sinais: entre a iconicidade e o princípio saussuriano. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 18, n. 39, p. 10-26, 2024. DOI: 10.47456/rctl.v18i39.43649. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/43649>. Acesso em: 9 set. 2026.

COSTA, Daniel Ferreira. Aspectos fonológicos da Libras: a influência da iconicidade na geração de novas configurações de mãos. **Revista SCIAS Língua de Sinais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 88-106, jul./dez. 2023. DOI: 10.36704/sciasls.v2i2.8275. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasls/article/view/8275>. Acesso em: 9 set. 2026.

GUIMARÃES, Cristhiane Ferreira; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. “Trocas nos sinais”: caracterização de processos fonológicos ocorridos durante a aquisição de Libras por pré-escolares surdos. **Audiology: Communication Research**, São Paulo, v. 23, e1922, 2018. DOI: 10.1590/2317-6431-2017-1922. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/3MXQpk5ykVJnX7qkV5dVgPp/?lang=pt>. Acesso em: 9 set. 2026.

JEREMIAS, Daiana Amaral. Iconicidade em sentenças transitivas diretas da Libras: uma motivação formal e conceptual. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 18, p. 39-57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19061>. Acesso em: 9 set. 2026.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LUCHI, Marcos. Descrições imagéticas na Libras. **Revista Arqueiro**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 50-63, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-arqueiro/article/view/1028>. Acesso em: 9 set. 2026.

MEDEIROS, Davi Vieira; RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. Icônico ou arbitrário? Motivado ou imotivado? Diferentes tipos de motivação em sinais da Libras. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-29, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1748. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1748>. Acesso em: 9 set. 2026.

PEREIRA, Silvana Langhi Pellin; LIMBERTI, Rita de Cassia Aparecida Pacheco. A iconicidade e a arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais: percursos dos sentidos em questão. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 20, n. 48, p. 151-163, 2020. DOI: 10.5935/1981-

4755.20190038. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/23390>. Acesso em: 9 set. 2026.

PROMETI, Daniela; COSTA, Messias Ramos. Criação de sinais-termo nas áreas de especialidades da Língua de Sinais Brasileira - LSB. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 131-151, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1189>. Acesso em: 9 set. 2026.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

XAVIER, André Nogueira; SANTOS, Thyago. A iconicidade na criação de termos técnicos em Libras. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 60-103, 2016. DOI: 10.28998/2317-9945.201657.60-103. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/4069>. Acesso em: 9 set. 2026.